

A simbologia da política e da guerra no universo torcedor: as apropriações da figura de Che Guevara entre torcidas organizadas no Brasil

The political and war symbology in the universe of the supporters: The appropriations of the figure of Che Guevara between organized supporters in Brazil

Raphael Rajão Ribeiro*

Instituto Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

Bernardo Buarque de Hollanda**

Fundação Getúlio Vargas, Escola de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Resumo: O artigo explora as apropriações que um segmento de torcidas organizadas brasileiras fez da figura do líder revolucionário latino-americano Che Guevara desde pelo menos os anos 1980 e que ainda hoje se faz presente no espaço das arquibancadas e no seu imaginário mais amplo. Procura-se mostrar de que modo o significado atribuído ao personagem adquire diversos sentidos no âmbito do futebol, com a incorporação de seu símbolo em lemas, efígies e bandeiras, conformando elementos de uma cultura material e simbólica nos estádios, associada à identificação de determinados agrupamentos torcedores. Tais sentidos tem caráter dinâmico e se mostram ora políticos, ora beligerantes, ora culturais, uma vez que Che Guevara tornou-se ícone de rebeldia não só no Brasil, mas participa de uma subcultura internacional de torcidas ultras na Europa e no restante do mundo. Após percorrer sobre o surgimento de sua figura nos estádios brasileiros, o texto apresenta a construção de uma rede de aliança nacional inter-torcidas no Brasil, estruturada em torno da referência icônica a Che Guevara. Por fim, como estudo de caso, o artigo se debruça sobre a rivalidade entre torcidas organizadas de um mesmo estado – Máfia Azul e Galoucura, ligadas aos clubes Cruzeiro e Atlético, de Minas Gerais, respectivamente – cujo antagonismo fez com que, em contraponto a

*E-mail: raprajao@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-7057-8367>

**E-mail: bernardobuarque@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-7781-4684>

Che Guevara, o grupo rival estilize a figura de René Barrientos, militar e político de extrema-direita, responsável pelo seu assassinato nas selvas da Bolívia, em 1967.

PALAVRAS-CHAVE: torcidas organizadas; política; universo simbólico; Che Guevara

ABSTRACT: *The paper explores the appropriations that a segment of Brazilian organized supporter groups made of the figure of the Latin American revolutionary leader Che Guevara since at least the 1980 and that is still present in the space of the bleachers and in its broader imaginary to this day. We seek to show how the meaning attributed to the character acquires diverse senses in the soccer sphere, with the incorporation of his symbol in mottos, effigies, and flags, conforming elements of a material and symbolic culture in the stadiums, associated with the identification of certain supporter groupings. Those meanings have a dynamic character and are at times political, at times belligerent, at times cultural, since Che Guevara became a rebellion icon, not only in Brazil, but is part of an international subculture of ultra-supporters in Europe and the rest of the world. After discussing the appearance of his figure in Brazilian stadiums, the text builds a net of an inter-supporter national alliance in Brazil, structured around the iconic reference to Che Guevara. Finally, as a case study, the paper focusses on the rivalry between organized supporter groups of a same state – Máfia Azul and Galoucura, linked to the Cruzeiro and Atlético football clubs, from Minas Gerais – whose antagonism made it so, in response to Che Guevara, the rival group stylized the figure of René Barrientos, military and far-right politic, responsible for his murder in the jungles of Bolivia, in 1967.*

KEYWORDS: organized supporter groups; politics; symbolic universe, Che Guevara

Introdução

Entre o quartel final do século XX e o primeiro quarto do século XXI, as torcidas organizadas de futebol desenvolveram uma subcultura internacional que se estruturou ao redor do espetáculo esportivo profissional. De forma em certa medida paradoxal, o associativismo juvenil no acompanhamento sistemático dos grandes clubes de alto rendimento da Europa e em diversos países do globo gerou nas últimas décadas preocupações das autoridades públicas e governamentais. Tais preocupações relacionam-se a atos antidesportivos e antissociais, vinculados, por sua vez, à imagem desses grupos e às suas dinâmicas coletivas de rivalidade, com uma série de situações de distúrbio, transgressão e confronto, dentro e fora dos estádios.

Em paralelo à problemática da violência, tônica sempre levantada pelos meios de comunicação e reificadora de estigmas perenes, essas mesmas torcidas produziram um conjunto de outros sentidos sociais, de significados culturais e de visões políticas, relacionados à sociedade e ao mundo a que pertencem. Pode-se dizer que elas se comportam nos termos de uma teatralização e performance, tal como argumentada desde os anos 1990 pelo antropólogo Christian Bromberger (1995). Tal comportamento, associado a esses sentidos, significados e visões, originou uma cultura material e simbólica própria das agremiações, as quais existem em virtude do pertencimento clubístico, mas que se mostram ao mesmo tempo autônomos – o “pertencimento torcedor” de que fala Luiz Henrique de Toledo (2021) – e que se constituem em paralelo ao dia a dia dos clubes afiliados. Por meio de cânticos, de faixas e bandeiras, entre outros artefatos, os agrupamentos torcedores ostentam símbolos e lemas dotados de valores e de certa autonomia relativa.

Essa simbologia e esses princípios se articulam, por seu turno, a uma constelação de outras torcidas homólogas, partícipes do mesmo universo de disputa do calendário esportivo nacional e internacional. O relacionamento estrutura-se segundo o que Elias e Dunning chamam de “segmentação ordenada” (1994) e entretém relações ora de adesão/composição ora de oposição/rivalidade. As formas de interação entre as torcidas variam, ainda, segundo a escala das competições e vão do nível local de uma cidade (os derbies) ao âmbito competitivo de ligas nacionais e internacionais, em uma estrutura monopolística piramidal, controlada em seu topo pela FIFA. A morfologia agonística configura-se e desconfigura-se na diacronia, uma vez que sua aproximação e seu distanciamento têm variações conforme os agentes, as lideranças dos grupos e as circunstâncias sociais e esportivas.

Isso posto, o presente artigo parte desse quadro geral para se debruçar em torno de um caso em específico de simbologia do universo torcedor. Trata-se da apropriação pelos “mundos torcedores”, para glosar Erwin Goffman (1977), da efígie de Ernesto Che Guevara (1928-1967). Como é sabido, o personagem foi um médico, político e revolucionário socialista de origem argentina que se vinculou à Revolução Cubana em 1960 e, em seguida, lançou-se à missão de revolucionar igualmente outras sociedades latino-americanas, nos quadros da Guerra Fria. Depois da incursão em diversos países, foi assassinado em 7 de outubro de 1967, nas selvas da Bolívia, em emboscada perpetrada por militares e pelo governo daquele país.

A eleição desse caso permite que se reflita sobre a circulação e a ressignificação de símbolos nesse meio. Argumentamos que o caráter pendular e referencial de um símbolo político possibilita que se observem as alterações sociais nas relações entre significantes e significados. Isso porque processos de politização das associações torcedoras, com tendências à esquerda e à direita, são uma das facetas do que entendemos por subcultura internacional torcedora, porosa a influências políticas de vieses ora nacionalistas ora multiculturalistas.

Na conjuntura atual, para ficarmos com um exemplo do ramo da política, manifesta-se uma gama de coletivos torcedores ativistas que reivindicam para si o status de torcidas antifascistas (Numerato, 2019; Lopes, 2022). O sociólogo francês Nicolas Hourcade (2014), por seu turno, avalia o quanto uma torcida de futebol pode ser considerada, ou não, um movimento social, e com essa finalidade analisa, ponto a ponto, as características de uma e de outro. Ainda que não seja o objeto de Hourcade, poder-se-ia enquadrar aqui a adesão de franjas torcedoras em passeatas e processos políticos em países tão diferentes quanto a Ucrânia, o Egito e a Turquia ao longo da década de 2010, com uniões temporárias entre ultras de times rivais.

Outra sorte de personagem assimilado pelos grêmios torcedores é Bob Marley, cantor jamaicano de reggae, símbolo *pop* daquilo que o sociólogo Renato Ortiz chama de “mundialização” e de “cultura internacional-popular” (2003). No caso de Bob Marley, trata-se de uma evidente associação dos grupos juvenis torcedores a certo estilo de vida – no Brasil existe o gênero das “torcidas rasta”, em referência aos rastafaris da Jamaica –, que compreende o direito ao consumo da maconha e à luta por sua legalização na sociedade contemporânea. Tal alusão permite matizar a exclusividade do viés e da pauta política, para acentuar aspectos comportamentais vinculados ao etos desses agrupamentos.

Nesse sentido, elegemos a representação do martírio de Che Guevara como um estudo de caso emblemático dos processos de apropriação simbólica de personagens políticos e do respectivo imaginário bélico do século XX.

Para tanto, o artigo apresenta de início este ator revolucionário no interior do advento da “cultura” ultra de torcedores europeus, notadamente na Itália, de onde se espargiu, formada no decorrer da década de 1970, poucos anos depois do assassinato de Che. O aparecimento e a difusão do símbolo nas arquibancadas italianas delineiam com o tempo um conjunto de torcidas europeias alinhadas ideologicamente mais à esquerda, em contraponto a outras, mais identificadas à direita, com laivos neofascistas. Não obstante, reiteremos ao longo do texto que tal significado não é rígido

nem unívoco, com percepções distintas e sazonais de cada agrupamento e de seus respectivos componentes.

Em seguida, passamos a descrever a introdução da figura de Che Guevara entre as torcidas organizadas no Brasil, no final dos anos 1980, e a ambivalência de sua significação, na condição a um só tempo de ícone progressista, de mártir latino-americano e ainda de personagem guerrilheiro, ora prenhe de caráter político ora destituído de acepções ideológicas mais estritas. No decorrer das décadas, mostra-se como uma famosa reprodução gráfica de Che foi alçada neste país à condição de símbolo de uma aliança nacional entre torcidas organizadas.

Intitulada “União do Punho Cruzado”, tal rede integra agrupamentos torcedores ligados a clubes de diferentes estados, como o Flamengo e o São Paulo, o Internacional e o Cruzeiro, entre outros. Este alinhamento é contraposto a outras duas linhagens congêneres em âmbito nacional: a “União Dedo para o Alto”, que congrega as principais torcidas organizadas de Vasco, Palmeiras, Atlético-MG e Grêmio; e a “União do Punho Colado”, reunidora de facções do Fluminense, do Guarani e do Paraná Clube. Diferente do “Punho Cruzado”, as demais uniões carecem de símbolos políticos.

À descrição de como a persona de Che é codificada e decodificada entre os aliados brasileiros que reivindicam sua imagem em camisas, faixas e bandeiras, segue-se a terceira e última seção do artigo. Esta tem por foco o caso específico da rivalidade entre as torcidas dos dois principais clubes de Minas Gerais: o Atlético Mineiro e o Cruzeiro. A análise se detém não apenas sobre o modo como a Máfia Azul, principal agremiação torcedora ligada ao Cruzeiro Esporte Clube, adota e estiliza a imagem de Che Guevara em suas marcas identitárias – bonés, camisas, faixas e demais itens estampados em seu “patrimônio”, categoria nativa que designa bens materiais de uma associação.

Ressalta-se, em especial, a maneira inusitada encontrada pela torcida atleticana rival, a Galoucura, de se contrapor ao Che Guevara. Trata-se de analisar a incorporação da efígie antípoda de René Barrientos Ortuño, militar e político boliviano de extrema-direita, presidente do país no segundo lustro dos anos 1960 e responsável pela emboscada, com apoio da CIA, que vitimaria Ernesto Che Guevara no interior da Bolívia em 1967.

A assunção do algoz de Che pelo grupo arquirrival do Cruzeiro é reveladora, em nosso argumento, de que se trata, no limite, menos de um símbolo pleno de conteúdo político, e mais de uma dinâmica de emulação entre as torcidas. Esta segue uma comunidade moral própria, em que a provocação ao adversário pode-se valer de mecanismos binários de afirmação e de negação das identidades rivais.

Nesse movimento de alteração e interpolação, os significados não são estáveis e a denegação do outro passa pela escolha de símbolos que ofereçam o contraponto e o devido antagonismo emulador, capazes de atingir a alteridade de seu imaginário e de sua identidade relacional. O pressuposto do artigo sugere assim que as referências sociais e políticas do mundo circundante são importantes e reveladoras, mas não devem ser tomadas de maneira unívoca ou literal, porquanto constituem significantes abertos, voláteis e cambiantes, que variam ao sabor das gerações e da moral interna aos grupos envolvidos.

Che Guevara e os ultras na Itália: a gênese de um símbolo internacional nas torcidas de futebol

O aparecimento da figura de Che Guevara nos estádios de futebol, poucos anos depois de sua morte, data dos idos de 1970, quando a chamada “cultura ultra” se conforma na Itália e na Europa como um todo. Segundo Bromberger (1998), a palavra “ultra” – a designar uma postura de

adesão extremada do torcedor ao clube de filiação – surgiu no contexto insurrecional das passeatas estudantis e juvenis de 1968 na Itália e reapareceu no universo do futebol pouco tempo depois.

Este mesmo antropólogo esquematiza e historiciza uma tipologia de agrupamentos torcedores europeus nesse período no texto “Du public et des supporters” (2004). Sob uma perspectiva histórica, ao lado dos torcedores ingleses, mais conhecidos pela designação *hooligans*, os Ultras italianos são uma das principais matrizes difusoras de estilos internacionais de torcer, na segunda metade do século XX.

Grosso modo, o primeiro tipo de organização torcedora se irradiou a partir da Inglaterra, em fins da década de 1960, e estendeu seu arco de influência sobre a Europa setentrional, em especial sobre a Alemanha, além de ter atingido o norte da França, a Bélgica e a Holanda. Da década de 1990 em diante, com a queda do bloco comunista, liderado pela União Soviética, seu raio de difusão atingiu os países do Leste Europeu, o quais assimilaram à sua maneira o hooliganismo e relacionaram tal estilo às tradições de brigas locais já existentes durante os regimes socialistas.

A formação social das torcidas inglesas é historicamente mais homogênea; sua coesão interna é bem acentuada e associa-se com maior intensidade aos contingentes juvenis do proletariado, formado entre as gerações do pós-Segunda Guerra Mundial. Seus membros são de difícil localização no cotidiano, em uma opção deliberada e assumida, com o decorrer do tempo, pela informalidade associativa. Ou seja, trata-se de codificar sua conduta subterrânea, de aparecer apenas nos *pubs* e nas tribunas em dias de jogos, a fim de impedir sua identificação pela polícia e de se despistar da vigilância para conseguir encontrar os rivais e ir às vias de fato (Armstrong, 2003).

Assim, as *firms*, como eram conhecidos os agrupamentos torcedores até os anos 1970, com os nomes de *Inter City Firm* (West Ham), *Headhunters* (Chelsea), *Red Army* (Liverpool) e *Red Devils* (Manchester United), dão lugar progressivamente na Inglaterra aos *casuals*. Isso se acentua na esteira da década de 1980, quando tragédias em estádios vão macular ainda mais a imagem antissocial e antidesportivas desses grupos de hegemonia masculina e juvenil.

Já o segundo tipo, no qual a imagem de Che Guevara vai grassar, foi difundido na Itália durante a década de 1970, e sua propagação se deu em maior grau na Europa meridional e depois no Mediterrâneo, com destaque para a Espanha, para o sul da França, para o Marrocos, para a Grécia, para a Turquia e para o Egito. Com um tecido social menos uniforme que os ingleses e com uma composição de classes mais híbrida, as torcidas latinas procuraram se congrega através da institucionalização. Isto é, são associações que existem de maneira formal, com reconhecimento jurídico e outras formas de existência institucional.

Com efeito, os ultras promovem a distribuição espacial em subgrupos, a fixação territorial em sedes, a setorização nos estádios atrás dos gols, a venda de seus materiais (roupas, adesivos) e a veiculação de revistas próprias – os *fanzines*, comercializados em certo período em bancas de jornal. Entre os ultras, há a ritualização de certas práticas nas arquibancadas e a elaboração prévia de performances e palavras de ordem. Ainda que padeçam de má reputação social, assim como as torcidas inglesas, tal presença institucionalizada permitiu-lhes uma maior integração entre os atores do futebol e uma maior visibilidade das suas formas de torcer.

Enquanto os ingleses participam dos jogos através basicamente de cânticos, com a localização fixa nos quadriláteros atrás dos gols – denominados *keops*, *terraces* ou *ends* – e com uma identificação discreta por meio de cachecóis com as cores dos clubes, a existência pública dos ultras italianos possibilitou atuar de forma ativa nas “curvas” (palavra nativa em referência ao formato circular, ou olímpico, das suas praças esportivas) das arquibancadas, constituindo uma topofilia torcedora, tal como formulada por John Bale (Atasoy, 2020). A participação se dá por meio de faixas com o nome das torcidas e com mensagens, via de regra, provocativas, usam-se instrumentos musicais

percussivos diversos, com bandeiras e bandeirões, mediante coreografias ensaiadas e repetidas e exibem-se mosaicos, que se mesclam a sinalizadores de fumaça e a toda sorte de pirotecnia.

Por suposto, ao lado da demarcação do território e dos símbolos, a violência também é constitutiva da identidade dos ultras italianos. De início, porém, salienta-se uma diferença em relação aos *hooligans* ingleses, pois atos violentos nas primeiras décadas de formação da cultura ultra eram vistos como “instrumentais”. Isto é, para os italianos, a violência – brigas com rivais e diferentes expedientes de vandalismo dentro e fora dos estádios – era um “meio”, uma contingência do enfrentamento, uma reação e um mecanismo de defesa, ao passo que para segmentos expressivos dos *hooligans* tal violência já se constituía em um “fim” em si mesmo, ou seja, tornara-se a motivação principal para acompanhar o futebol, para “defender” o seu clube e, em especial, a “honra” do seu grupo.

Essa é uma forma apenas inicial e esquemática de introduzir o assunto. Ao longo do século XXI, a difusão dos meios de comunicação, o aumento da circulação das imagens e a intensificação do fluxo dos deslocamentos torcedores pelo mundo modificam e embaralham esse cenário. Aquilo que se chama de globalização – ou “mundialização”, para repetir Ortiz – se tornará uma realidade para o futebol e para as torcidas também. Tais matrizes torcedoras, por conseguinte, vão se interpenetrar e se fundir. A divisão geográfica entre os *hooligans* ingleses e os *ultras* italianos vai assim ser diluída, dando origem ao que um antropólogo argentino Nestor Canclini chamou, para o contexto da cultura popular na América Latina, resultante da mescla de matrizes civilizatórias, sob o influxo da indústria cultural, de “culturas híbridas” (1997).

Para o propósito do presente artigo, essa explicação é necessária para o contexto em que o emblema de Che Guevara será mobilizado nos estádios. Seu surgimento, conforme ensina o historiador francês Sebastien Louis, em *Le phénomène ultras en Italie* (2006), ocorre durante a primeira fase do movimento ultra italiano, que vai de 1968 a 1982. Se desde 1950 já havia organizações torcedoras naquele país, como os *Fedelissimi* do Torino, em fins dos anos 1960 as torcidas se estruturam em formato mais autônomo, a começar pela *Fossa dei Leoni*, agrupamento do Milan AC. A este se seguiria outro subgrupo milanês, a *Brigate Rossonere*. Nessa esteira, seus antípodas não demoram a surgir, com o grupo *Ultra Boys*, da Internazionale de Milão, fenômeno que se replica em outras cidades.

Em 1977, a capital italiana assiste à aparição do Comando Ultra Curva Sul, que, assim como as torcidas do Milan, vão adotar a insígnia de Che Guevara (Garsia, 2004). Via de regra, a escolha de símbolos é decidida em razão da simpatia política de determinadas lideranças e do núcleo duro de cada associação. Entre os elementos que podem ser inferidos para tal decisão, no caso de Che, estão o impacto público dessa personalidade; a proximidade temporal e as circunstâncias da sua morte; o ideário socialista, revolucionário e altruísta de um mártir latino-americano, carregado de certo exotismo nas tribunas europeias; e, ainda, a dimensão agonística e guerreira que timbrou sua imagem icônica ao redor do mundo, em período de rebeldia e protagonismo juvenil e de utopias políticas transformadoras.

Para o caso específico italiano, ainda pesa o fato de ser justamente a partir desse país que o mais famoso ícone do guerrilheiro argentino radicado em Cuba se difundiu. A mais conhecida fotografia de Che Guevara foi produzida em 1960 pelo cubano Alberto Díaz Korda, durante uma cerimônia em homenagem às vítimas de explosão acidental de um navio de carga francês no porto de Havana. Apesar da força da imagem, notada desde sua produção, sua veiculação global ocorreu apenas a partir 1967, depois da execução do comandante revolucionário, tornando-se um símbolo ostentado nas séries de manifestações que marcaram o ano de 1968 pelo mundo (Cristoffanini, 2014).

O maior responsável pela proliferação da imagem mais reproduzida do Che foi o editor italiano Giangiacomo Feltrinelli, que conseguiu duas cópias da foto de Korda, a partir da qual produziu pôsteres que, seis meses após a morte do revolucionário, totalizavam mais de dois milhões de cópias vendidas. Coube ainda a Feltrinelli a publicação do diário de Guevara na Bolívia, cuja capa

era estampada pela mesma imagem. Desse modo, foi, principalmente, a partir da Itália que o ícone mais famoso do guerrilheiro ganhou fama mundial (Cristoffanini, 2014).

Outro adendo contextual em relação ao âmbito italiano é importante nesse sentido. Os anos 1970 constituem período de acentuada clivagem e de radicalização política na Itália. O Partido Comunista Italiano era uma agremiação partidária forte, na mesma medida em que o conservadorismo concorrente, expresso por tendências ideológicas orgânicas à direita, ligadas à Igreja católica, por meio da tradicional Democracia Cristã. A divisão da sociedade manifestava-se na pauta dos costumes e no dia a dia do país. Em 1975, por exemplo, a intolerância homofóbica leva ao assassinato brutal do cineasta e poeta Pasolini.

Junto a esse cenário social tenso e às disputas político-partidárias, assiste-se ainda a atos violentos e a um cotidiano de ameaças do chamado terrorismo. O ápice ocorre quando atuações terroristas vitimam o Primeiro-Ministro do país, Aldo Moro, em 1978, sequestrado e morto pelas Brigadas Vermelhas.

O que isso se relaciona com o universo das torcidas? À primeira vista, a relação se expressa de forma indiciária na própria terminologia, uma vez que a palavra “brigada” era empregada também na nomeação dos grupos torcedores, a exemplo da torcida do Verona, com sua Brigada Amarelo-e-Azul, de 1971, e a do Milan, com sua Brigada Vermelho-e-Preta, de 1972. A coincidência terminológica se dava com o emprego igualmente feito por organizações terroristas, a constituir suas próprias “brigadas”. Destarte, a divisão política mobiliza o Estado e a sociedade, e não deixa de ter incidências e implicações no universo do futebol na Itália, aspecto estudado em profundidade e na diacronia do pós-Segunda Guerra mundial pelo historiador francês Fabien Archambault (2006).

Conforme já pontuado na menção a Bromberger, as torcidas, à sua maneira, refletem as bases de seu pertencimento social e entronizam elementos dessa polarização política nos idos de 1970 e 1980. Esse fator deve ser levado em consideração na assunção e difusão da imagem de Che Guevara entre outras torcidas da Europa e do mundo, tendo em vista também a centralidade e a qualidade do futebol italiano na década de 1980 e em boa parte dos anos 1990. Como se sabe, desse período em diante, o futebol inglês (Premier League) e o espanhol (La Liga) – leia-se Barcelona e Real Madrid – ascendem e se sobrepõem ao congênere italiano Série A.

Conquanto as alianças torcedoras oscilem ao longo do tempo, observa-se a tendência a alinhamentos entre torcidas europeias que seguem orientações ideológicas mais à esquerda e à direita. Há inclusive um histórico prévio de simpatia dos hooligans ingleses pelo *National Front*, agremiação partidária de extrema direita dos anos 1980, bem como o uso de símbolos como a cruz celta, referência de grupos neofascistas.

A Itália estrutura suas rivalidades futebolísticas em torno dos derbies (Juventus x Torino; Genova x Sampdoria; Lazio x Roma; Inter x Milan) e reflete o poderio capitalista de determinadas cidades portuárias, burguesas e industriais do norte do país, além, evidentemente, do poder concentrador da capital. Em alguns casos, a reputação das torcidas adquire certo caráter de generalidade, com os torcedores da Lazio vistos à direita do espectro político e com afinidades eletivas fascistas (Florenzano, 2010), em contraponto aos rivais da Roma, lidos em chave à esquerda e mais progressistas.

O imaginário social das torcidas se amplia, se transforma e se complexifica em sua segunda (1982-1990) e terceira fase (1990-2005), ainda segundo a periodização proposta por Sébastien Louis (2006). Clubes como o Livorno, o Bolonha e o Atalanta situam-se mais à esquerda, enquanto o Verona, a Lazio e a Inter pendem para os grupos neofascistas. As relações de amizade entre grupos da Itália com o restante da Europa estruturam-se com o tempo. Entre os exemplos, citem-se os ultras do Verona, que se aproximam do Chelsea, e os Irredutíveis da Lazio, que se coligam à Ultra Sul, do Real Madrid.

Mencione-se, ainda, o Nápoles, sem rivais citadinos, situado ao sul do país – região vista como mais agrária e atrasada –, com sua torcida *Commando Ultra Curva B* (CUCB). Esta, como toda a torcida napolitana, vai ser marcada nos últimos três decênios pela figura do ídolo Maradona, futebolista que anos depois se associaria à imagem de Che Guevara. A Argentina, cujo protagonismo torcedor ganha visibilidade internacional com a Copa de 1978, é um dos países em que Che se faz presente nas arquibancadas. Na sociedade argentina, o personagem opera tanto pela condição de mito nacional quanto de ator político ou guerrilheiro, mostrando-se uma figura onipresente em diversas torcidas, independente da rivalidade mútua.

O aparecimento da imagem de Che nas torcidas italianas do Milan e da Roma é replicado nos grêmios de outros países da Europa, como Portugal, e do norte da África. Estes são influenciados pelas imagens da televisão nas transmissões das partidas e pelo trânsito entre os torcedores durante as competições continentais, ou ainda pelos processos migratórios e de troca intercultural via Mediterrâneo.

Na França, as duas principais torcidas do Olympique de Marseille, a Comando Ultra (decalque evidente da nomenclatura italiana) e a *South Winners* (nome em inglês para se diferenciar da outra torcida do OM), são fundadas respectivamente em 1984 e 1987. Ambas adotam a efígie de Che em seus mosaicos e em suas bandeiras e fazem com que o Olympique se assuma como uma torcida politicamente à esquerda no cenário francês, em que os elementos políticos e sociais têm proeminência e capilaridade na estrutura da sociedade. Esta é também uma maneira de se contrapor uma fração da torcida do Paris Saint-Germain, que nos anos 1980 se associa a posições xenófobas e intolerantes.

Isto também sucede em torcidas magrebínas, no Marrocos em especial, onde grupos torcedores internalizam o estilo ultra e os recriam à sua maneira, reivindicando, entre outros, a imagem de Che nas suas bandeiras e faixas.

Che Guevara no Brasil: ícone da aliança entre torcidas organizadas brasileiras

Na seção anterior foi visto de que maneira, em retrospectiva histórica internacional, Che tornou-se referência entre torcidas italianas *ultras* a partir dos anos 1970. Viu-se também em que medida, no início da década seguinte, sua imagem é incorporada às barras argentinas, estimuladas pelo fato de o personagem idolatrado ser também uma espécie de mito nacional, posto que nascido e formado no país, antes de tomar parte na Revolução Cubana de 1959 e de aderir ao foquismo, movimento e ideário político que propunha o espraiamento do processo revolucionário em toda a América Latina.

Com efeito, depois da Itália, da Argentina e de quadrantes da Europa e da África, em suas zonas de influência do modelo ultra italiano, Che vai passar a ser reverenciado por torcedores organizados também no Brasil, no final dos anos 1980. A ambientação nacional tem a cidade do Rio de Janeiro por ponto de partida, antes de se difundir em vários estados, em meio à estruturação de uma rede de alianças inter-torcidas.

A iniciativa para tal transposição cabe à cúpula da Torcida Jovem do Flamengo de fins daquele decênio. O vínculo a esse grupo em específico decorre da autoimagem construída pela agremiação rubro-negra nesse período, com um progressivo culto ao etos bélico-guerreiro, por meio de confrontos físicos e de acirramento de embates com os rivais, notadamente com torcidas organizadas de Botafogo e Vasco da Gama. Nossa sugestão é a de que a adoção de Che deriva de componentes ambivalentes, quer seja de um imaginário beligerante (Durand, 2002), quer seja da politização de uma

fração dessas lideranças. Tal como é dito na linguagem do meio, a iniciativa parte dos seus “cabeças pensantes”, responsáveis por formatar a “filosofia” ou “ideologia” do agrupamento (Teixeira, 2004).

O núcleo duro da Torcida Jovem era composto por jovens do sexo masculino, nascidos nos anos 1960, em meio ao ciclo ditatorial militar brasileiro, que podem ser descritos genericamente como pertencentes às classes médias, moradores da zona sul e da zona norte da cidade do Rio. A briga configura entre eles um estilo de vida e um modo de autoafirmação da identidade grupal. Para tanto, durante os anos 1980 discursos são explicitados em seus lemas, a exemplo do *slogan* “Porrada neles”, que circulava em adesivos e materiais do grupo. É nesse âmbito também que um tanque de guerra, inspirado na *Red Army*, uma torcida do Liverpool da Inglaterra, é adotado como simbologia pelo grêmio flamenguista.

Tal retórica de enfrentamento mobiliza categorias nativas muito caras a esse meio, como a propagação da ideia do “respeito” e do “temor” ante o adversário, em face do torcedor organizado vinculado a outro clube da cidade e, pouco a pouco, de outros estados.

A entronização da *persona* de Che Guevara se dá nesse bojo e será marcada por uma conjuntura política estadual e nacional importante. Após 21 anos de Ditadura Civil-Militar (1964-1985), o final dos anos 1980 assiste ao processo de redemocratização, cuja memória “hegemônica” (Napolitano, 2015) passa a ser reconstruída de maneira crítica pelas novas gerações, sob a leitura feita pela opinião pública, juntamente às mudanças proporcionadas pela Lei da Anistia, pelo pluripartidarismo e pela reabertura política como um todo. Desde o início daquele decênio, em 1982, as eleições para o governo do Rio de Janeiro acionavam as posições partidárias e associativas no estado, com uma atmosfera política capaz de ensejar espaço à participação civil de parcelas da juventude.

Em 1989, o primeiro pleito eleitoral para a presidência da Nova República, depois de quase três décadas, constitui o ápice da mobilização nacional, com uma eleição dividida entre candidatos à esquerda e à direita, afinal vencida pelo conservador Fernando Collor, que supera o esquerdista Luís Inácio Lula da Silva. Em meio a esse ambiente de politização, componentes e líderes da Torcida Jovem do Flamengo participam de comícios, distende nas arquibancadas a faixa “Collor, não” e mostram-se simpatizantes de candidatos de esquerda, de PT e PDT.

Capitão Léo, liderança emergente nesse período, é entusiasta da figura de Leonel Brizola, governador e candidato à presidência. Junto ao seu grupo, adapta o jingle de campanha de Brizola para os estádios, mantendo sua melodia e modificando a letra. Com um discurso nacionalista e anti-imperialista, Leonardo Ribeiro leva para a torcida uma série de referências de sua própria simpatia pessoal, compartilhada por outros integrantes de seu entourage, que cerram fileiras na Torcida Jovem. Che Guevara será um desses símbolos.

Em entrevista concedida ao pesquisador Bernardo Buarque, Banha, figura pública da torcida, conhecido pela valentia nas brigas, reputação que lhe vale reportagens na grande imprensa da cidade, contextualiza o processo e o sentido desses personagens, em que avulta Che:

Bernardo Buarque: Ao longo dos anos 1980, além de uma ideologia que você mencionou, a Torcida Jovem do Flamengo desenvolveu e aprimorou muitos símbolos, não é?

Banha: Sim. Tudo isso se intensificou nos anos 1980, quando o Flamengo foi campeão do mundo contra o Liverpool. Então, a partir daquela ideologia positiva e rebelde, eu peguei o símbolo do tanque, que já existia, e o fortaleci. Em seguida, ganhei o apelido de Capitão Léo, pois incuti na torcida uma aura paramilitar. Aproveitei uma vocação que já era presente e potencializei algo que havia surgido entre nós como domínio público. Então, se fosse definir em uma palavra esse movimento na virada da década de 1980, eu usaria o termo “rebeldia”. Passamos a ser assim e apoiávamos tudo a que a sociedade era contrária: Fidel

Castro, Che Guevara, aiatolá Khomeini... E fazíamos bandeiras citando essas personalidades para fazermos uma oposição. (Hollanda; Teixeira, 2022, p. 91).

A figura de Che se mostra mais perene que circunstancial naquela torcida organizada dos anos 1990, ainda que reelaborada internamente, passadas as gerações, sem uma necessária marca política à esquerda. Um dos lemas criados em torno da efígie de Che nesse período, estampado nos muros e nas camisas, diz: “Na disposição de cada um, a segurança de todos”. A inscrição sugere uma frase atribuída ao personagem argentino, embora não se saiba de onde ao certo a passagem foi extraída.

Seja como for, sua linguagem comporta uma clara dimensão beligerante e disposição ao confronto. No reino discursivo das torcidas, remete à autodefesa e à coesão interna no enfrentamento com os rivais, o que carece de finalidade política mais orgânica, um dos propósitos subjacentes ao grupo formulador de tal ideário nos anos 1980.¹

Outra entrevista, desta feita com Zé Maria, presidente da torcida no final dos anos 1990 e início dos anos 2000, é reveladora da maneira pela qual a tradição reproduz e traduz, em meio à sucessão geracional, a figura de Che, embora sem o pleno entendimento de seu significado político, conforme se observa a seguir:

Bernardo Buarque: Em 1989, quando você estava começando na torcida, ocorreu a primeira eleição direta para a presidência da República e a Torcida Jovem do Flamengo apoiou o Lula. Dentre os líderes da torcida, o Léo tinha uma ligação com o Brizola, do PDT. Esses partidos difundiam ideias anti-imperialistas. Há uma relação entre essas preferências políticas e o surgimento das bandeiras do Fidel Castro, Che Guevara, aiatolá Khomeini...?

Zé Maria: Não sei dizer ao certo a real intenção das homenagens nessas bandeiras.

Mas, na torcida, sempre tivemos pensamentos e comportamentos mais socialistas, contrários ao capitalismo e às desigualdades que vivemos nesse mundo. Nessa época, eu me amarrava nessas bandeiras e suas simbologias. Para um garoto, tudo é festa. Só depois passei a refletir e ser mais crítico, quando compreendi suas histórias anos mais tarde... Esses símbolos marcaram uma geração de nossa torcida, mas reafirmo que gosto mais de homenagens em exemplos mais próximos ao nosso Flamengo e sua história. Exemplo: a bandeira do Popeye (nosso primeiro mascote), etc. Havia um cântico do aiatolá Khomeini, que batíamos na cabeça enquanto o entoávamos. [Risos.] Era um aquecimento para nossas guerras. [Risos.]. (Hollanda; Teixeira, 2022, p. 132).

A pesquisadora Rosana da Câmara Teixeira, por seu turno, em texto que revisita sua dissertação de mestrado, conduzida nos anos 1990, fez trabalho de campo com a Torcida Jovem do Flamengo. Em conversas com membros ativos do grupo no Centro do Rio, relatou em livro:

Outro elemento que me chamou a atenção na visita a sede em 1997 foi uma bandeira com a imagem do Che Guevara presa na persiana da janela. Perguntei, então, a um integrante da torcida o que significava para eles a história do guerrilheiro argentino:

A gente vai fazer uma camisa, uma touca, um boné com a foto do Che Guevara de 30 anos, porque Che Guevara completou 30 anos de morte e a torcida vai fazer 30 anos em dezembro, vai parecer uma coisa só. A gente se identificou com a causa dele, ele não se rendeu ao capitalismo, se aliou ao Fidel Castro, porque ele não queria se integrar ao poder dos Estados Unidos e a gente se identificou, a gente tem um lema: “antes morrer de pé do que abaixado”. Hoje em dia o idealismo ficou meio massacrado, hoje é o lucro excessivo, quanto mais você lucrar... é a mentalidade moderna, né? (Hollanda; Teixeira, 2022, p. 219).

Ainda em fins de 1980, outra novidade seria duradoura: o gesto do “punho cruzado” surge na Torcida Jovem do Flamengo. Enquanto a Raça Rubro-Negra, torcida do mesmo clube, adotara o “punho cerrado” no final dos anos 1970, isto é, a figura de um soco erguido para o alto, em inspiração ao ato dos Panteras Negras nos Estados Unidos, repetido e difundido pelos atletas negros nas Olimpíadas do México em 1968, a Torcida Jovem apropria-se, por sua vez, de gestual semelhante e ao mesmo tempo diferente. A diferença consiste no uso dos dois braços estilizados em formato de um “X” e igualmente estendidos acima das cabeças. Neste caso, também segundo a versão do discurso nativo, a torcida vai buscar a inspiração do gesto também em movimentos negros norte-americanos, oriundos do Bronx, famoso gueto nova-iorquino.

Com base nessa nova gesticulação, a década de 1990 vê emergir a União do Punho Cruzado, uma aliança inicial entre a Torcida Jovem do Flamengo, a Independente do São Paulo, a Máfia Azul do Cruzeiro e a Camisa 12 do Inter. O símbolo centralizador e identificador dessa amizade vai ser construído em torno da figura estilizada de Che Guevara e do referido movimento integrado de braços, mãos e punhos cruzados erguidos ao alto.

Nos anos seguintes, pode-se dizer que a União já está estruturada. Com base no eixo interestadual Rio de Janeiro/São Paulo/Minas Gerais/Rio Grande do Sul, a rede amplia-se de modo progressivo e incorpora outras torcidas, nas regiões Sul, Nordeste e Centro-Oeste. O raio da aliança passa a abranger a Fanáticos (Atlético Paranaense), do Paraná, que depois se afastaria do grupo; a Torcida Jovem do Sport, de Pernambuco; os Imbatíveis (Vitória), da Bahia; e os Dragões Atleticanos (Atlético Goianiense), de Goiás, entre outras agremiações.

Como dito, a União do Punho Cruzado tem sua gênese em 1989, com o início dos entendimentos entre duas organizadas: a Torcida Jovem do Flamengo e a Independente Tricolor, do São Paulo. A torcida são-paulina até então era considerada coadjuvante no cenário e na “moral” das rivalidades entre as organizações torcedoras paulistas. Embora já superasse em número de integrantes a tradicional Torcida Uniformizada do São Paulo (TUSP), a Independente encontrava-se nos anos 1980 em um patamar de *status* abaixo da Gaviões da Fiel, da Mancha Verde e da Torcida Jovem do Santos. Nesse sentido, vista como segunda força no rol das torcidas paulistanas, a agremiação tricolor disfrutava de relações até certo ponto amistosas com a corintiana Gaviões.

A aproximação entre Torcida Jovem e Independente inicia-se, segundo entrevistas feitas com lideranças das duas torcidas, de forma até certo ponto informal e casual. A situação remete a um encontro fortuito entre seus líderes, em partida válida pelas Eliminatórias da Copa do Mundo de 1990, entre Brasil e Chile, ocorrida no Maracanã em 3 de setembro de 1989. A presença das torcidas organizadas nos jogos da Seleção Brasileira no Rio de Janeiro era praxe a época e aconteceu durante toda a década de 1980.

Adamastor, liderança em ascensão na Independente, vai ao Rio representar sua agremiação e, para tanto, distende uma faixa no alambrado das arquibancadas com a inscrição da torcida. É nesse contexto que Adamastor estabelece contato com Capitão Léo, Ricardinho (Touro Louco) e outros membros da Jovem rubro-negra. A aproximação também é facilitada, pois a Torcida Jovem era aliada da Gaviões da Fiel, que, por sua vez, tinha entendimentos à época com a direção da Independente.

Depois das conversas iniciais, o entrosamento pessoal entre essas lideranças prospera. No final do mês seguinte, em 1989, o pacto é selado. O ensejo para isso acontece quando o time do São Paulo vai ao Rio para partida contra o Vasco da Gama, no Maracanã. A Independente encontra então apoio da Torcida Jovem para esse jogo. Após acordos prévios durante a semana, a caravana são-paulina é recebida inicialmente na Gávea, ponto de encontro antes da ida ao Maracanã.

Já no estádio, unidos os flamenguistas aos são-paulinos, um confronto com a Força Jovem do Vasco acontece no anel superior das arquibancadas. Socos, pontapés e mastros de bandeiras são usados na briga. Severo e outros integrantes da Jovem Fla estão do lado da Independente e da

Dragões. Eles enfrentam Marcelo Mendonça (o He-Man), Roberto Monteiro e outros componentes da nova geração de líderes da Força Jovem do Vasco, que mantém forte a aliança com a Mancha Verde palmeirense.

Aliada à Torcida Jovem daquele ano em diante, a Independente cresce e se fortalece, ascendendo ao prestígio de nova torcida capaz de “impor o respeito” na moral torcedora da época, à maneira do que fizera a Mancha Verde no início dos anos 1980. Em contrapartida, essa postura afirmativa leva ao tensionamento das relações, até então cordiais, entre a Independente e a Gaviões da Fiel.

Este dado é importante, porquanto, no caso da Independente, a adoção de Che Guevara parece destituída de conotação política prévia no interior do grupo, haja vista que Ferrão, liderança dos anos 1980, era notório simpatizante de Maluf, ex-prefeito, ex-governador e candidato à presidência da República em 1989. Na final do Campeonato Brasileiro de 1989, disputada no Morumbi às vésperas do segundo turno entre Collor e Lula, líderes da Força Jovem do Vasco apoiavam o candidato petista, sem que em contrapartida se observasse manifestações políticas mais explícitas entre as organizadas são-paulinas.

De todo modo, pouco a pouco, o elo da Torcida Jovem do Flamengo com a tradicional coirmã corintiana também se enfraquece, até o rompimento final em meados de 1990. Pavimenta-se assim o caminho para a constituição da União do Punho Cruzado em nível nacional, tendo a Jovem Fla entre as suas artífices e protagonistas, o que enseja a difusão ambígua de Che, a um só tempo um político revolucionário e um guerrilheiro. A virada para a década de 1990 vai consolidar esse imaginário interno, com a simbologia do Exército Rubro-Negro.

A Torcida Jovem constitui seus pelotões e suas respectivas subdivisões territoriais, que obedecem aos critérios geográficos dos bairros, dos municípios e dos estados do país, e mesmo fora do Brasil. A linguagem metafórica da estrutura militar – o tanque de um Exército – ganha corpo e é potencializada.

Se no caso dessa torcida carioca, a política e a guerra caminham juntas na eleição de Che, algo que não se verifica na aliada paulistana, vamos ver na seção final deste artigo como se dá a dinâmica de apropriação da imagem do personagem em questão na torcida do Cruzeiro – Máfia Azul – e no seu acionamento para a relação conflitiva com sua rival, a Galoucura, do Atlético Mineiro.

A rivalidade no estado de Minas Gerais e os usos de Che Guevara e René Barrientos

A adoção da figura de Che Guevara pela Máfia Azul, do Cruzeiro, de Belo Horizonte, relaciona-se com a própria consolidação da principal torcida organizada daquele clube. A incorporação da imagem do guerrilheiro como símbolo dialoga com questões já tratadas em casos anteriores: a replicação de referências bélicas na formação das facções torcedoras e a articulação de alianças nacionais entre agremiações brasileiras. A isso se acrescenta o estabelecimento de subdivisões nessas associações, como forma de lidar com a expansão do número de integrantes e a sua dispersão territorial, elemento igualmente recorrente em outros casos.

Os anos 1960 a 1980 foram definidores da configuração das torcidas organizadas nos principais centros urbanos brasileiros (Hollanda, 2010). Ao longo dessas três décadas, o novo modelo de associação torcedora se consolidou. Foi esse o período em que as agremiações mais relevantes foram fundadas e se estabeleceram em cidades como Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Sendo que o caso da capital de Minas Gerais, Belo Horizonte, não foi diferente.

O ano de 1977 marcou a fundação da Máfia Azul, uma dentre as várias torcidas organizadas apoiadoras do Cruzeiro naquele momento. Sua fundação se deu em um bairro tradicional da cidade, a Floresta. Até a primeira metade da década de 1980, aquela associação de torcedores não encontrou

destaque entre as demais apoiadoras do clube, inclusive passando por uma fase de inatividade (Leal, Marçal, Bayma, 2018).

Foi apenas em meados dos anos 1980 que a torcida iniciou uma fase de ascensão, se consolidando rapidamente como a principal facção apoiadora do Cruzeiro. Para tanto, abandonaram a perspectiva de ser um grupo pequeno, formado por alguns moradores do mesmo bairro, e empreenderam um esforço de ampliação do quadro de sócios.

Como citado, a incorporação de um vocabulário militar é marcante desde as torcidas ultras italianas, tendência que foi reafirmada na lógica de expansão da Máfia Azul. Em busca de sua confirmação como a principal organizada do Cruzeiro, a agremiação incentivou a formação de núcleos em outras regiões, incluindo a cidade vizinha, Contagem, polo industrial da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Ali, formou-se, no ano de 1989, o Comando Guerreiro Eldorado – CGE, em referência a um dos bairros do município fabril. Era um momento de ampliação da Máfia Azul, como destacou um dos fundadores da CGE, Léo Moita em entrevista ao jornalista Diogo Henrique Silva:

Naquela conjuntura a torcida do Cruzeiro ainda era mais calada. Com a chegada da nossa galera, a visão do comportamento no estádio é alterada. Implementamos uma conduta mais povão, de ser uma ideia mais para frente, de preocupação com o canto, com a torcida, e também de dominação. Nossas ações foram de vital importância para a consolidação da CGE. (Silva, 2019).

Note-se que a formação da CGE ocorreu no mesmo momento do estabelecimento da União do Punho Cruzado, do qual a Máfia Azul se tornaria integrante junto com a Torcida Jovem do Flamengo, a Independente do São Paulo e a Camisa 12 do Inter. A formação de comandos originados de diferentes áreas da cidade ou mesmo de municípios próximos à Belo Horizonte implicava na conciliação entre simbologias comuns à torcida organizada como um todo e a adoção de emblemas distintivos das facções regionais, os quais convivem em faixas, bandeiras e camisas.

A partir do momento em que o Comando Guerreiro Eldorado se consolidou, seus integrantes passaram a buscar um ícone próprio, que os identificassem. Nesse sentido, ainda nas palavras de Léo Moita, a referência das organizadas cariocas foi importante para a escolha feita em 1992: “Veio a ideia de usar como símbolo um guerreiro latino. Lá no Rio, o pessoal usava Mao-Tsé, Saddam Hussein, Aiatolá Khomeini. Começamos a usar o Che, fizemos uma bandeira e virou um sucesso na arquibancada” (Silva, 2019).

Assim, a partir da escolha da CGE, a clássica efígie de Che Guevara passou a compor bandeiras, faixas e camisas do comando integrante da Máfia Azul, sendo observado nas arquibancadas da principal torcida cruzeirense.

Os anos 1980 não foram apenas de consolidação daquela que se tornaria a maior organizada do Cruzeiro. Entre os torcedores do seu principal rival local, o Atlético Mineiro, essa década marcou a criação da Galoucura, fundada em 1984. Tal associação rapidamente se estabeleceu como a maior representante do alvinegro de Belo Horizonte. Segundo a mesma lógica que regeu a expansão da Máfia Azul, a agremiação atleticana implantou divisões regionais, também conhecidas como brigadas – outra referência ao léxico militar –, como forma de garantir sua expansão territorial na cidade e nos municípios vizinhos (Leal, Marçal, Bayma, 2018).

Dentre as brigadas criadas nos anos 1990, inclui-se a fundação da 13ª Brigada – Galoucura Contagem, em 1996, também no bairro Eldorado. A criação de um segmento da organizada do Atlético Mineiro na mesma região da CGE, vinculada à Máfia Azul do Cruzeiro, garantia o antagonismo regional entre as duas divisões torcedoras. Uma rivalidade que seria alimentada das mais diferentes formas, incluindo-se a simbólica.

Como ressaltado no caso da incorporação do ícone de Che Guevara entre a Torcida Jovem do Flamengo, havia uma sobreposição dos sentidos atribuídos à imagem do comandante revolucionário. Da exaltação de valores bélicos, passando por referências à rebeldia juvenil, até a vinculação a uma posição política de esquerda, múltiplas eram as vinculações produzidas pelos integrantes da organizada com a figura do guerrilheiro argentino.

Nessa perspectiva, operação semelhante foi observada na escolha do ícone representativo da Galoucura Contagem. Ao ter na CGE seu principal antípoda, seus integrantes recorreram à bem menos célebre figura de René Barrientos Ortuño, político de direita boliviano, que se celebrizou por ser o presidente que ordenou o assassinato de Che Guevara. Ao eleger o algoz do revolucionário que estampava os emblemas da torcida rival, os integrantes da organizada atleticana buscavam simbolicamente afirmarem sua hegemonia sobre os adversários.

Ainda que inadvertidamente, os integrantes da Galoucura Contagem acabavam por se atrelar a uma figura histórica de extrema direita, apesar de habitarem uma região fabril celebrizada por ser palco de importantes greves operárias. Nessa dinâmica, a lógica binária que preconizava que o inimigo do meu inimigo é meu amigo era projetada também no universo simbólico. A emulação de antagonismos locais sobrepunha-se às significações políticas que a figura de Barrientos seria capaz de evocar.

Tal transposição e a escolha dos membros da Galoucura Contagem foram comentadas pelo já citado fundador da CGE, Léo Moita: “Prova do êxito da nossa criatividade foi quando a torcida rival passou adotar de referência o causador da morte do Che” (Silva, 2019). Para o integrante da divisão regional da Máfia Azul, o condicionamento da escolha do ícone que ilustraria os materiais da Galoucura Contagem era uma demonstração da própria relevância da CGE e da subordinação do grupo rival. Segundo essa lógica, incapazes de forjarem uma simbologia identitária própria, cabia aos antagonistas tão somente reagir à iconografia criada pelo Comando Guerreiro Eldorado.

Essa contradição também é comentada por um dos atuais integrantes da Galoucura Contagem, para quem a adoção da figura de René Barrientos não se vincula aos valores políticos de seus membros. Segundo Kim, diretor da divisão regional, em entrevista concedida ao pesquisador Diogo Henrique Silva: “O fato de a gente ter escolhido o Barrientos para nos representar, nada tem a ver com a política. As pessoas que estavam na liderança da 13ª Brigada, a ramificação da Galoucura aqui de Contagem, são pessoas de esquerda” (Silva, 2019). A oposição simbólica, nessa perspectiva, acabava ganhando ares de regionalismo, reforçando o antagonismo cotidiano próprio das divisões locais estabelecidas pelas torcidas organizadas.

Como indicado, a Galoucura passaria a integrar a União do Dedo para o Alto – DPA, seguindo a lógica de articulação de torcidas de estados diferentes nos anos 1990. A ela se uniram Força Jovem do Vasco do Rio de Janeiro e Mancha Verde do Palmeiras de São Paulo, num primeiro momento (Souza, 2018) e, posteriormente, Torcida Jovem do Grêmio do Rio Grande do Sul, Império Verde do Coritiba do Paraná, Torcida Bamor do Bahia, dentre outras.

Apesar da ampla circulação da figura de Che Guevara entre a aliança rival – a União do Punho Cruzado –, em meio às organizadas integrantes da DPA a solução de oposição com a adoção da efígie de René Barrientos não foi observada. Ao que parece, a utilização de uma figura histórica obscura, não tinha a mesma força simbólica do ícone mundialmente reconhecível do revolucionário argentino. A particularidade do antagonismo mineiro corrobora o papel de disputas regionais cotidianas como base para a incorporação de um antípoda iconográfico, muito mais representativa de uma comunidade moral própria que de uma filiação ideológica e política.

Considerações finais

As ressignificações da imagem de Che Guevara, em especial da célebre fotografia produzida por Alberto Díaz Korda, antecederam a incorporação do ícone por ajuntamentos torcedores pelo mundo. Notadamente o conjunto de eventos intercalado pelo assassinado do revolucionário argentino, em 1967, e pela série de manifestações que marcaram o ano de 1968 em escala global, foi momento determinante da proliferação de sentidos atribuídos à efígie do comandante guerrilheiro.

A incorporação da figura do Che entre as torcidas ultras e a sua proliferação entre associações torcedoras latinas na Europa, chegando ao Norte da África, como ficou demonstrado, não fugiram à tendência. Exaltação da rebeldia jovem, adoção de simbologias bélicas e vinculação a tendências políticas, ora prevaleciam, ora se sobrepunham, como motivação da escolha de Guevara como representação daqueles grupos sociais. Especialmente no caso italiano, a vinculação a uma militância de esquerda desempenhou um papel importante para a opção pela efígie do comandante revolucionário entre as torcidas ultra. O que se desdobraria em um antagonismo mais claro entre agrupamentos torcedores vinculados ao pensamento socialista e grupos identificados com a extrema-direita.

No caso brasileiro, a apropriação da figura do guerrilheiro argentino por torcidas organizadas, no final dos anos 1980, igualmente apontou para a atribuição de sentidos diversos àquele símbolo. Como indicaram os integrantes da Torcida Jovem do Flamengo, havia um misto de compreensões sobre o que aquela imagem do Che representava: rebeldia, combatividade, transformação política, etc.

Na dinâmica de circulação de torcedores e criação de alianças entre organizadas, notadamente a formação da União do Punho Cruzado na passagem dos anos 1980 para os 1990, a difusão do ícone de Che Guevara entre os integrantes daquela comunidade foi capaz de reforçar um vínculo simbólico, visível na produção de bandeiras, faixas e camisas que ostentavam a figura do revolucionário.

A produção de antagonismos, contudo, em que pese a apropriação da figura de René Barrientos por integrantes da Galoucura, opositora da Máfia Azul, não indicava para a adoção da mesma emulação política identificada no caso italiano e em outras dinâmicas europeias. No contexto brasileiro, a associação a um ícone da esquerda não desembocou na afirmação de valores de extrema direita ou mesmo de direita por grupos antagonistas.

Como se buscou demonstrar, as lógicas da rivalidade vivenciada entre as torcidas organizadas e as alianças por elas firmadas estão articuladas em um conjunto de valores próprios a essas comunidades, com oposições, no mais das vezes binárias, que se estabelecem na sua dinâmica cotidiana de convívio e de enfrentamentos.

Referências

- ARCHAMBAULT, Fabien. Matches de football et révoltes urbaines dans l'Italie de l'après-guerre. **Histoire & Sociétés**, n. 18-19, p.190-205, 2006.
- ARMSTRONG, Gary. **Football hooligans**: knowing the score. London: Berg Publishers, 2003.
- ATASOY, Fatih. Stadium as a tophilic space. **Journal of ROL Sport Sciences**, v. 1, n. 1, 2020, p. 38-65.
- BROMBERGER, Christian. **Le match de football**: ethnologie d'une passion partisane à Marseille, Naples et Turin. Paris: Éd. de la Maison des sciences de l'homme, 1995.
- BROMBERGER, Christian. Du public et des supporters. In: BROMBERGER, Christian. **Football, la bagatelle la plus sérieuse du monde**. Paris: Bayard Éditions, 1998.
- BROMBERGER, Christian. **Football, la bagatelle la plus sérieuse du monde**. Paris: Bayard Éditions, 2004.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Editora da USP, 1997.

CRISTOFFANINI, Pablo R. Che Guevara: las significaciones de un ícono global. **Sociedad y Discurso**, Aalborg, Dinamarca, n. 26, p. 16-37, 2014.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **Sport et civilisation: la violence maîtrisée**. Paris: Fayard, 1994.

FLORENZANO, José Paulo. A babel do futebol: atletas interculturais e torcedores ultras. **Revista de História**, São Paulo, n. 163, p. 149-174, 2010.

GARSIA, Vincenzo Patanè. **A guardia di una fede: gli Ultras della Roma siamo noi**. Roma: Castelvechi, 2004.

GOFFMAN, Erwin. Mundos artísticos e tipos sociais. In: VELHO, Gilberto (org.). **Arte e sociedade: ensaios de sociologia da arte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1977.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de. **O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de; TEIXEIRA, Rosana da. **Nada do Flamengo, tudo pelo Flamengo: memórias da Torcida Jovem do Flamengo**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ/Faperj, 2022.

HOURLADE, Nicolas; BUSSET, Thomas; JACCOUD, Christophe; BESSON, Roger. **Les autres visages du supporterisme**. Neuchâtel: CIES, 2014.

LEAL, Bernardo Ferreira Estillac; MARÇAL, Igor Junio Barbosa; BAYMA, Marco Túlio Veras. **Galoucura e Máfia Azul: a trajetória das principais Torcidas Organizadas de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Editora do autor, 2018.

LOIS, Sebastien. **Le phénomène ultra en France: historique du mouvement des groupes de supporters-ultras de 1968 à 2005**. Preface de Christian Bromberger. Paris: Mare & Martin, 2006.

LOPES, Felipe Tavares. Futebol, ativismo e resistência: uma análise crítica de discurso de páginas de Facebook de torcidas antifascistas de São Paulo. **Discurso y sociedad**. v. 16, p. 420-441, 2022.

NAPOLITANO, Marcos. Recordar é vencer: dinâmicas e vicissitudes da construção da memória sobre o regime militar brasileiro. **Revista Antíteses**, v. 8, n. 15, p. 9-44, 2015.

NUMERATO, Dino. **Football fans, activism and social change**. London: Routledge, 2019.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

SILVA, Diogo Henrique. Na berlinda da rivalidade. **Ludopédio**, São Paulo, v. 120, n. 35, 2019.

SOUZA, Adriano Lopes de. **Alianças entre torcidas organizadas: análise a partir da união estabelecida entre a Torcida Organizada Galoucura, a Mancha Alviverde e a Força Jovem**. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da paixão: visitando jovens torcidas cariocas**. São Paulo: Annablume, 2004.

TOLEDO, Luiz Henrique de; SOUZA JUNIOR, Roberto; ANDRADE, Mariana. Pertencimento clubístico e pertencimento torcedor: materialidade e gênero numa torcida organizada de futebol. **Revista Esporte & Sociedade**, Niterói, n. 34, p. 1-26, 2021

Nota

¹ Em recente entrevista, Capitão Léo explica que a escolha do cântico em louvor ao Aiatolá Khomeini, nos anos 1980, era uma espécie de resposta em forma de glosa, ou provocação, a uma música da torcida do Fluminense em homenagem ao Papa João Paulo II. O contraste entre um ícone do catolicismo vis-à-vis outro identificado como líder xiita iraniano mostra como a apropriação de símbolos deve ser entendida mais de acordo com a estrutura de emulação entre os torcedores e menos em conformidade ao seu significado original. Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=lmXvEweDB2A>. Acesso em: 10 de janeiro de 2023.

Submetido em: 04/10/2023

Aprovado em: 10/11/2024